

---

## **PENTECOSTALISMOS & ECUMENISMOS:**

---

### **DEUS E O DIABO SE (DES)ENTENDENDO**

---

#### **NA TERRA DO SOL\***

---

Gedeon Freire de Alencar\*\*

*Resumo: os pentecostalismos brasileiros são antiecumênicos e os ecumenismos são antipentecostais? este artigo pretende, para além das ditas “razões” teológicas da ação do Diabo ou do Espírito Santo, estudar as razões históricas, econômicas, políticas e culturais dessa questão.*

*Palavras-chave: Ecumenismos. Pentecostalismos. Igreja Católica. Conselho Mundial de Igrejas. Assembleias de Deus.*

*Sem paz entre as religiões, não haverá paz no mundo*  
Hans Küng)

**D**eus e/ou Diabo – pessoa, força ou ideologia fica a escolha do cliente – são necessários e utilizáveis para muitas questões, explicações e processos; se válidos e verdadeiros não nos interessa, pois, são válidos e verdadeiros para quem precisa e usa dos mesmos com explicação, ou mais ainda, *legitimação*. Portanto, o pentecostalismo é o vômito de satanás ou a renovação do cristianismo? Por outro lado, o ecumenismo é uma estratégia satânica de plataforma do reino do anticristo ou ação do Espírito Santo na unidade da igreja e manifestação do Evangelho? Durante todo o século XX o assunto ficou polarizado e os dois grupos usando Satanás e/ou o Espírito Santo se acusavam mutuamente. No entanto, também nos dois lados, apesar da polarização, aconteceram mu-

---

\* Recebido em: 03.06.2014. Aprovado em: 16.06.2014.

\*\* Doutor em Ciências da Religião pela PUC-SP. Membro da Rede de Estudos Latinoamericana de Estudos do Pentecostalismo e do GT/PUC-SP/CNPQ – *Protestantismo e Pentecostalismo*. E-mail: gedeonalencar@gmail.com.

danças. Como elas ocorreram – ou ainda ocorrem - é o que se pretende pesquisar sob o ponto de vista meramente historiográfico. Quanto à ação do Espírito Santo e/ou do Satanás, admito, não saberia delimitar: trabalham conjuntamente, alternados ou em competição? Em qual dos lados um deles ou os dois trabalharam, ou ainda trabalham? Deixo a resposta para quem acredita ter acesso aos mesmos. Essa pesquisa pretende estudar as razões históricas, econômicas, políticas e culturais com uma pergunta central: os pentecostalismos brasileiros são antiecumênicos ou os ecumenismos são antipentecostais?

O cristianismo tem vinte séculos de história, o pentecostalismo e o ecumenismo apenas um século de existência. Concorrentes e contemporâneos os dois fenômenos modernos nasceram no século XX, se encontram e se desencontram em uma relação ambígua e conflituosa. Se parecem mais que ambos gostariam de admitir; inimigos, precisam visceralmente um do outro para existir. Imbricados estão no início do século XXI dialogando em algumas partes do mundo, mesmo que no Brasil, até o momento as relações sejam majoritariamente de indiferença, também oscilam entre animosidade, concorrência e encontros episódicos. Conquanto não exista na atualidade uma animosidade grave (como por exemplo, na Irlanda) em décadas passadas aconteceram muitos casos de agressões mútuas; no presente, existem acordos táticos políticos (luta contra o aborto e casamento gay) e fatos meramente episódicos (Papa falando com assembleianos na Favela de Manguinhos), mas estão acontecendo encontro de oração e louvor de *alguns* grupos da RCC e de *algumas* igrejas pentecostais autônomas.

Segundo o Censo 2010, no Brasil existem cento e vinte e três milhões de católicos e vinte e cinco milhões de pentecostais, isso o torna um dos maiores países católicos, idem um dos maiores países pentecostais do mundo. Desde 1972 existe a *Comissão de Diálogo Vaticano – Pentecostal* com diversos documentos publicados fruto de muitas reuniões com clérigos católicos e pentecostais, no Brasil, ainda não se percebe alguma alteração. Necessário é, no entanto, afirmar de início que esses pertencimentos confessionais distintos em suas relações micro sociais ignoram as tensões eclesiásticas macro institucionais. Por que em seus cem anos de presença no Brasil, os pentecostalismos tiveram relações conflituosas ou de indiferença com a Igreja Católica? Oficialmente as elites dirigentes de ambos os grupos sempre tiveram uma relação passional e tensa, mas na base social as memórias mesmo não estando em absoluta harmonia, se mantêm longe das disputas institucionais. Os interesses políticos e econômicos transvertidos de disputas teológicas em suas ambiguidades intrínsecas foram – e ainda são – intransponíveis? No entanto, por que em outros países (ou outros contextos religiosos e momentos históricos distintos) há alguma relação dialogal, elaboração de projetos em conjunto, mutualidade de construção na caminhada ecumênica?

Como elas não existem no Brasil, não há como delimitar objetivamente os benefícios que relações amistosas desses grupos produziram interna e externamente, mas sabemos o que a animosidade e indiferença têm ocasionado no país e no mundo. Quais alterações se produziram no “maior país católico do mundo” e no “maior país pentecostal do mundo” - como os grupos proclamam sem a devida comprovação - se houvesse algum projeto ou alguma relação institucional? Por exemplo: presentes em todo o país e, principalmente, por que as memórias pentecostais e católicas se concentrarem nas camadas mais pobres da população, poderiam juntas no programa simples de informação sobre aleitamento materno fundamental para a diminuição da taxa de mortalidade infantil, ter obtido muito mais resultados do que a *Pastoral da Criança* faz isoladamente<sup>1</sup>. Muitos municípios não têm Igreja Católica, mas têm ADs<sup>2</sup> se esses grupos tivessem encampado um projeto nacional de alfabetização poderiam, por causa de sua capilaridade social, já ter avançado muito. Mas isso, assim como outras questões sociais, não está na pauta. E eles perdem, e o país idem.

Apesar do título *pentecostalismos & ecumenismos*, por razões óbvias, precisamos delimitar o escopo deste texto, pois, há no mundo e no Brasil, diversos pentecostalismos, idem, diversos ecumenismos. Vamos analisar especificamente os pentecostalismos assembleianos e os movimentos ecumenismos católicos. Há uma grande bibliografia sobre as relações ecumênicas entre católicos e protestantes de missão e históricos, mas até o momento quase nada sobre as relações dos ecumênicos com os pentecostais – até por que essas relações são incipientes. Diferente, por exemplo, da caminhada de cinco décadas da história ecumênica pentecostal latina<sup>3</sup>. E isso já nos traz uma grande interrogação: por que os pentecostalismos em outros países, inclusive na América Latina, são ecumênicos, mas não no Brasil?

## ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Apesar de ambos serem historicamente situados no século XX, particularmente no pós-guerra, eles têm raízes nos séculos anteriores.

O movimento ecumênico é herdeiro do movimento missionário do século XIX? É sintomático, em livros de história da igreja ou história de missões (outro conceito-problema que precisamos analisar) de tradição evangélica no Brasil a palavra ecumênica não aparece, mas noutras historiografias, diversos eventos ou movimentos são grafados como “congresso missionário ecumênico”, indo mais longe, alguns textos ao falarem dos Concílios ao longo dos séculos, grafam “Concílios Ecumênicos”, anacronismos a parte, o termo neste século tem outra conotação. Ecumênicos ou não, em diferentes momentos aconteceram

acordos institucionais de denominações evangélicas visando à evangelização. Pela dificuldade óbvia de comunicação, escassez de transporte e mão de obra missionária, alguns grupos se aliaram e trabalharam juntos<sup>4</sup>.

O movimento pentecostal moderno é herdeiro da *Azuza Street*? Mito fundante como muitos outros, mas com uma razoável viabilidade, pois, diversos outros grupos e movimentos são caudatários deste, mas existem muitos outros movimentos e fenômenos anteriores a Azuza. Há inúmeros fenômenos ao longo da história cristã que poderiam ter esse carimbo: as manifestações do “movimento do espírito” Joaquim Fiore, a leitura bíblica do pietismo alemão, as reuniões de oração do metodismo inglês e o “papel dos leigos, inclusive das mulheres” (Gerest, 1977:19) nos *revivals* nos EUA, desde o século XVIII. Existem igrejas autodenominadas pentecostais ainda no século XIX, bem antes da Azuza<sup>5</sup>, bem como manifestações de glossolalia, curas e outros dons na Europa<sup>6</sup>. Essa necessidade urgente de levar a salvação aos pagãos do movimento missionário e os diversos grupos que se pentecostalizaram no final do século XIX e início do século, enquanto um movimento com pouca institucionalização, de certa forma, vivenciaram alguma forma de ecumenicidade nas suas práticas religiosas<sup>7</sup>. Por que, então, esse viés não permaneceu no século ou mais ainda se fortaleceu?

No Brasil, desde o *protestantismo iluminista*, na expressão de Leonard (1988), com revelações e profetismos de Jacobina no sul, há em séculos anteriores outras expressões do que identifico como *protopentecostalismo* (ALENCAR, 2013) como na *Igreja Divino Mestre*, do “Lutero Negro”, em 1841, no Recife (CARVALHO, 2004), passando genericamente no amplo espectro dos “resíduos católicos” (PASSOS, 2001) existentes nos pentecostalismos aparentados com as manifestações do *catolicismo popular* com romarias, benzedores e grupos de oração. A tensão entre carisma e instituição é antiga.

“Conceito- obstáculo”<sup>8</sup> – escondendo o real problema.

Dentre muitas outras implicações políticas<sup>9</sup>, sócias e econômicas<sup>10</sup> temos alguns conceitos teológicos delimitadores do abismo. Nesse trabalho vamos especificar apenas três: 1 - missão/missões, 2- escatologia e 3 – carismas, na verdade, apesar da pretensão dos mesmos serem teológicos eles encobrem ou confundem-se com outras lutas<sup>11</sup>.

Ainda hoje é significativo que os termos *missão* e *missões*, não implicam apenas o plural da mesma palavra; o grupo que fala da *missão* está visceralmente indicando algo contrário ao grupo que fala de *missões*. O primeiro termo uma conotação global do testemunho humanitário da justiça social que o evangelho representa para o cristianismo; o segundo tem uma conotação proselista de ação local de um determinado grupo objetivando converter individualmente pessoas para essa identidade crista evangélica que está sendo levada<sup>12</sup>. Os ideais da *missão*

e de *missões* não andam juntos; os proclamadores falam coisas distintas; os objetivos são diferentes. São posturas excludentes e contraditórias.

Subproduto disso é a ideia de *conversão*. O catolicismo se entende como o estrato cultural latino e brasileiro e qualquer outra incursão religiosa é condenada, talvez por que a Igreja Católica, entenda como Pero Vaz de Caminha, que os nativos habitantes da *Terra do Sol* viviam “sem deus e sem lei”. A chegada do colonialismo católico é projeto divino para salvar os pagãos, mas a intromissão de outras expressões religiosas é proselitismo fundamentalista financiado pelos EUA, como insinua Galindo (1996) no seu *O fenomemo das seitas fundamentalistas*.

*Escatologia* – teologia dos últimos dias ou ultimas coisas - é uma doutrina central das igrejas evangélicas em geral no Brasil no início do século, não somente do pentecostalismo da CCB e ADs (MENDONÇA, 1990). Mas essa doutrina tem diversas versões: escatologia pré-milenarista, pós-milenarista ou amilenarista? Cada uma é gestada com uma postura política de ação social diante do presente e – mais importante – do futuro de forma visceral distinta uma da outra. São inconciliáveis em seus pressupostos e mais ainda divergentes em suas consequências.

O pré-milenarismo, em síntese, diz que a segunda vinda de Cristo ao mundo para concretização do arrebatamento da igreja (episódio final onde os salvos vão para o Paraíso e os perdidos para o inferno) é o elemento chave que desencadeará todos os demais eventos escatológicos posteriores como o Armagedon, o surgimento do Anticristo e o Juízo Final. E esse evento, a vinda de Cristo, tem indícios fortes e conclusivos: catástrofes, guerras, devassidão moral, etc. Esse espasmo catastrófico no final do século XIX e no início do XX contemporâneo das duas grandes guerras mundiais encontrou um amplo campo de divulgação e legitimidade. E teve - e ainda tem - conotações políticas importantes, pois “ao lado do otimismo que caracteriza o desenvolvimento da teologia liberal, o pessimismo produziu o surgimento da experiência milenarista (MENDONÇA, 1996, p. 66).

Já o pós-milenarismo acredita que, ao contrário do anterior, as condições sociais e econômicas tendem a melhorar – inclusive com a significativa ajuda e empenho do evangelho. Isso também no final do século e início do outro com todas as conquistas modernas e avanços científicos da época combinavam bem. Idem com lutas e progressos sociais de grupos socialistas; uma versão teológica da dialética marxista. Não sem motivo, mesmo que de forma estereotipada, esse posicionamento tem mais identificação com as propostas esquerdistas. Amilenarismo, como o termo indica, há uma negação óbvia da ideia de um milênio literal e físico, o reino milenar de Cristo seria apenas uma metáfora.

Por fim, *carisma*, ou na conceituação pentecostal, *ação do Espírito Santo*. Uma afirmação dogmática teológica que faz sentido para quem crer, mas para além desse aspecto fenomenológico, isso sociologicamente define a *identidade pentecostal* de pessoas e/ou instituições<sup>13</sup>. Esse indivíduo/grupo social sendo dirigido –

segundo a crença – pelo Espírito Santo se comporta assim e não de outro jeito; acredita e pratica isso e não aquilo; caminha com esse grupo e não com outro. Essa *conduta pentecostal*, portanto, delimita sua postura política dentre outras coisas. Tanto a literatura ecumênica como a pentecostal se identifica como obra do Espírito Santo, conquanto sejam viscerais distintas, com teologias divergentes e praticas, às vezes, inimigas. Ambas não se combinam e, parece, esqueceram-se de avisar ao Espírito Santo.

Nessa pesquisa não nos interessa a veracidade, tanto dentro dos pentecostalismos evangélicos como católicos, das manifestações carismáticas. O termo *carisma* será analisado posteriormente, nas suas implicações e manifestações sociológicas weberianas. Um dado importante e complicador é que o tema sempre teve – e ainda hoje – um estigma: o ecumenismo é visto como uma proposta satânica como plataforma da ação do Anticristo e o pentecostalismo indicado como ação diabólica sectária fomentadora de divisionismo da igreja. A Igreja Católica chama-as de seitas com toda a conotação pejorativa que essa palavra tem, e os pentecostais se refere à Católica como a prostituta apocalíptica.

Essa é razão “teológica” dada, mas ela disfarça uma luta econômica e política mais complexa. Essa teologia nascida séculos antes é fortalecida no período entre as duas guerras mundiais é ainda hoje repetida. Ela encobre um luta de poderes de campos e subcampos religiosos (BOURDIEU, 1974), de “interesses material e ideal, que governam diretamente a conduta do homem” (WEBER, 2002, p. 197) imbricada na histórica e secular disputa política entre as igrejas oficiais ligadas ao Estado na Europa (tanto Luterana, Anglicana como Católica) e as chamadas “igrejas livres” (ALENCAR, 2010; 2012) de herança anabatista e pietista. Onde a igreja local, congregacional é autonomamente anárquica e visceralmente contra toda e qualquer aspecto de institucionalidade. Mesmo atualmente assumindo características de racionalidade burocrática os pentecostalismos ainda mantêm muito de suas ênfases carismáticas.

Por outro lado, a pretensão hegemônica católica e sua conseqüente dificuldade de lidar com as manifestações individuais e autônomas da modernidade (LIBANIO, 2000) também contribuíram com sua disposição de não abrir-se ao diálogo com a sociedade, os protestantismos ou ainda mais com os pentecostalismos. Repetidas *Encíclicas Papais* reafirmaram que “fora da Igreja não salvação” (BERGERON, 2009), além de outras questões doutrinárias dogmáticas que fecham a oportunidade ecumênica<sup>14</sup>.

## ECUMENISMOS & PENTECOSTALISMOS

Apesar da presença de um convidado pentecostal no Vaticano II, em 1961, da existência da Comissão de Dialogo Vaticano–Pentecostal, desde 1992, da Comissão

de Dialgo Pentecostal – CMI, desde 1999, da *Comissão de Dialogo Igrejas Reformadas- Pentecostais*, desde 1999, no Brasil até o momento, que eu saiba, oficialmente, existe apenas um pequeno grupo de católicos e pentecostais se reunindo no evento *Encristus*<sup>15</sup>.

## Pentecostalismos no Brasil

Os pentecostalismos brasileiros nunca tiveram algum projeto ecumênico (1) interno, com as demais (2) denominações protestantes e muito menos com a (3) Igreja Católica. As pioneiras manifestações pentecostais como em 1910, *Congregação Cristã no Brasil-CCB*, em 1911, as *Assembleias de Deus- ADs*, em 1912 com a *Convenção das Igrejas Batistas Independentes – CIBI*, apesar de elementos em comuns, nunca tiveram alguma unidade. São trazidas por migrantes europeus no mesmo tempo e condições sócios econômicas, são igrejas étnicas (CCB e CIBI) nas primeiras décadas, mas nascidas em ambientes distintos (ADs no Norte; CCB no Sudeste e CIBI no Sul), portanto, vão assumindo características próprias. Divergentes.

As relações com as demais igrejas protestantes desde o início foram traumáticas, e, na atualidade, por razões diversas houve pouca alteração. Os dois grupos iniciais CCB e ADs nascem a partir de *dissidências* com a Igreja Batista e Presbiteriana, respectivamente; a CIBI é uma iniciativa de migrantes suecos que não querem aderir à Igreja Luterana de migrantes alemãs<sup>16</sup>. Ao longo do centenário pentecostal as relações entre os grupos vão se complexificando nas disputas urbanas a partir da década de 50 com múltiplas dissidências, e, na atualidade, na acirrada competição do mercado religioso, portanto, tornando o horizonte ecumênico mais vez mais utópico e distante.

As relações com a hegemônica e secular estrutura católica foi ainda mais difícil, pois, sempre foram belicosas. Há inúmeros relatos onde o padre da cidade manda o delegado prender os crentes, em que as reuniões foram interrompidas por grupos de armas em punho, onde os pentecostais são ridiculizados. Minoritários, pobres e periféricos os pentecostais internalizaram de forma vitimista a condições de perseguidos. Décadas depois, agora grandes, ricos e poderosos não veem nenhuma necessidade de caminhada solidária.

Por que os pentecostais deveriam ser abertos ao dialogo ecumênico? Nunca houve uma tentativa de diálogo enquanto eles eram pobres e minoritários. Depois que cresceram e se tornaram protagonistas – ou ameaças... – a Igreja Católica e os demais protestantes ecumênicos reclamam da falta de abertura dialogal. Os pentecostalismos apenas repetem o modelo de como foram tratados ou de como os grupos majoritários agiram. Pior para ambos. Mas antes de prosseguir é necessário entender o mínimo de um fato de marcará as relações ecumênicas

na AL e no Brasil – e para mal e o para bem os pentecostalismos não tiveram nenhuma responsabilidade.

### Conferencia de Edimburgo em 1910 & Conferencia do Panamá em 1916

As datas, os locais, as razões e consequências desses dois eventos são paradigmáticos das relações institucionais protestantes versus católicos na Europa, EUA, AL e Brasil, esse evento “revelou uma contradição fundamental que iria afetar o movimento ecumênico de maneira muito sensível e duradora” (MENDONÇA, 1997, p. 92).

O historiador Artur Piedra (2002), em dois volumes do seu *Evangelización Protestante em América Latina*, fez uma minuciosa análise dos eventos. Há uma disputa geopolítica entre a Inglaterra, representante do velho mundo europeu, com o novo mundo ocidental os EUA (ambos ainda vivenciando os problemas da guerra entre os dois países) e uma complicadíssima relação entre igrejas estatais ou com essa pretensão, na Inglaterra a Igreja Anglicana, nos demais países europeus a Igreja Católica versus Igreja Ortodoxa. Todas com contas a pagar no processo colonialístico recente, caudatárias das identidades étnicas nacionais onde eram hegemônicas, não queiram, portanto, envolver-se ou incentivar a “evangelização” na América Latina, pois, isso seria um pretexto para o avanço proselitista em seus espaços. Algo que o denominacionalismo evangélico norte americano não tinha contemplava, pelo contrário. Portanto, em desagravo a Edimburgo que considerou a AL já evangelizada pela presença católica, americanos e latinos convocaram outra conferencia missionária no Panamá quatro anos depois. Dai, nasce uma marca registrada da evangelização latina: ela é anticatólica. Aliás, ela precisa ser anticatólica. E, repetindo, os pentecostalismos brasileiros não participam de nenhuma das duas conferencias, pois, neste momento ainda minoritários e absolutamente pobres eram invisíveis e marginais, portanto, eles não são os responsáveis dessa problemática política e nem fundadores da natureza anticatólica latina. Eles nascem e reproduzem esse caldo cultural.

### A Fase Ecumênica do Pentecostalismo Brasileiro: Manoel de Melo e a IPBC

A passagem do Manoel de Melo pelo CMI é um episódio ainda nebuloso, faltam diversas figurinhas neste álbum. Admito ter mais interrogações que respostas. Por que MM aderiu ao CMI? Por que saiu? Por que o CMI o aceitou e o manteve da forma como ele se comportou? Por que o CMI não procurou – se é que não procurou – nenhum outro líder pentecostal ou igreja?

Em 1961, o pentecostalismo chileno aderiu ao CMI e ainda hoje permanecem membros. No Chile, diferente do Brasil, o pentecostalismo nasceu a partir de uma igreja me-

todista liderada por um missionário americano. As ADs chegam posteriormente e ainda hoje são minoritárias diante de um metodismo multifacetado. Enfim, na década de 60 os pentecostalismos aderiram ao ecumenismo e vice-versa em outras partes do mundo, no Brasil, idem, mas sem nenhum resultado prático. MM queria usar o CMI e o CMI queria fazer o mesmo? Era vantajoso para ambos?

### *Pentecostalismos vítimas de preconceitos*

Segundo G. Campell Morgan<sup>17</sup>, o “movimento pentecostal é o último vomito de satanás”. Em 15 de setembro de 1906, cinquenta Igrejas Alemãs publicaram um documento chamado de *Declaração de Berlim*<sup>18</sup>. Dentre outras coisas, dizia ser o pentecostalismo uma ação de Satanás, inclusive por estar próximo ao espiritismo. Essa era invariavelmente a perspectiva das demais igrejas evangélicas sobre o movimento pentecostal.

No Brasil, em 1934, surgiu a CEB e as igrejas pentecostais não foram convidadas, e nos EUA, as AGs não foram aceitas na *Associação Fundamentalista*. Os jornais das demais igrejas evangélicas se referiam as ADs e CCB como “seitas pentecotista”. Eber Lima (1996, p. 247) faz uma análise de artigos publicados no jornal *Estandarte* da IPI, e em resumo diz que a impressão da IPI era que “o pentecostalismo deveria ser tratado como inimigo e sua doutrina como hereesia”. Do lado católico as afirmações não são diferentes. Os pentecostalismos, então, são então apenas vítimas? Sim e não.

É muito bem documentado no Brasil o imenso preconceito que todas as expressões religiosas de origens afro tiveram e ainda tem. O pentecostalismo vem dos EUA trazido por europeus brancos, mas nasce entre os negros com ampla participação de mulheres inclusive na liderança, isso também ocasionou muitos preconceitos contra os pentecostalismos. Sexismos e racismos foram fortes elementos neste caso, mas o exacerbado proselitismo pentecostal também contribuiu para sua inadequação entre os protestantes tradicionais.

### *CMI: uma causa e necessidade urgente de europeus?*

Como já indicado, reuniões e iniciativas missionárias existentes em séculos anteriores já apontavam a necessidade de uma organização crista que aglutinasse os diferentes grupos. Talvez tivesse surgido antes se não acontecido como aconteceu Edimburgo e Panamá? Especulações a parte, o CMI não se concretizou antes por causa das duas guerras mundiais, mas ironicamente se efetivou exatamente por causa delas. Já se realizara o *Concílio Missionário Internacional* (Nova York, 1921), a *Conferência sobre a Vida e o Trabalho* (Estocolmo, 1925) e a

*Conferencia sobre a Fé e Ordem* (Lausanne, 1927), então, a partir desses três eventos, “em 1948, 351 delegados que representavam 147 denominações em 44 países reuniram em Amsterdã e formaram a *Conselho Mundial de Igrejas*” (ELWEL, 1990, p. 3; LONGUINI, 2002).

A maior urgência era da Europa, palco das guerras entre cristãos – católicos, anglicanos, luteranos e ortodoxos – a iniciativa era dela, e ainda hoje seus principais articuladores e participantes estão nesta região do mundo, inclusive suas reuniões e assembleias, no início sempre acontecem na Europa (ver tabela anexa). Na AL e mais particularmente no Brasil, qual era a importância ou necessidade de um CMI? Se isso não dizia quase nada as demais denominações protestantes históricas envolvidas, inclusive no congresso do Panamá, o que mais diria o CMI aos pentecostais? O desinteresse, aliás, era mútuo. O CMI é citado apenas como ilustração, pois nossa análise principal são as relações entre os pentecostalismos e ecumenismos católicos. Não deixa de ser historicamente importante que, enquanto a Igreja Ortodoxa se filiou em 1961, a Igreja Católica ainda hoje não é membro oficial do CMI, e enviou observadores à Assembleia Geral do CMI, também somente em 1961. E sua Comissão de Diálogo Vaticano-Pentecostal, nasce em 1992, quando o pentecostalismo já é uma manifestação quantitativamente e impossível de ser ignorada, realizando já um “repto pentecostal à cultural católica” (SANCHIS, 1994).

Podemos esquematicamente resumir conforme o Quadro 1.

Quadro 1: Ecumenismos e pentecostalismos

OS ECUMENISMOS SÃO	OS PENTECOSTALISMOS SÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>Movimento europeu burguês; Igrejas Estatais europeias, no pós guerra;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Movimento americano e latino de classe baixa; Igrejas autônomas americanas e latinas – antiestatais;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Movimento institucional burocrático: igrejas do Estado; de brancos pro escravatura;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Movimento antinstitucional carismático: seitas conversionistas; negros com lutas sociais de transformação política</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Antifundamentalista com pautas “esquerdistas”;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Pró-fundamentalismo com pautas “direitistas”;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>MISSÃO: ordenando o mundo; teologia calvinista</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>MISSÕES: conquistando o mundo; teologia arminianista</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Escatologia amilenarista (ou pós-milenarista)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Escatologia pré-milenarista</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Liderança masculina, branca e intelectual.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Liderança masculina e feminina, negra e pobre;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>lideranças eclesiásticas oficiais;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Lideranças autônomas e fragmentadas</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Articulado nas universidades por grupos intelectuais com ênfase em doutrinas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Articulado nas igrejas periféricas: grupos de oração com ênfase na experiência;</li> </ul>

## PERSPECTIVAS NO INICIO DO SÉCULO XXI

### Um Perigo?

Há algumas décadas era impossível imaginar os pentecostais com algum protagonismo social, muito menos político. Herdeiros da escatologia pré-milenarista estavam todos se preparando para ir para o céu, mas no momento com algumas dezenas de deputados federais na *Frente Parlamentar Evangelica* em Brasília, podem propor e se impor a algumas propostas para a vida aqui na terra. Seria muito esperançoso se esse grupo – ou diversos outros segmentos evangélicos pentecostais em diferentes frentes e modelos – ao longo do tempo tivesse se notabilizado por propostas sociais de benefícios coletivos e não, quase exclusivamente corporativos. E mais uma vez os pentecostalismos não fundaram o modelo, apenas seguem o já existente.

O grave mesmo é que fortalecidos politicamente por seus milhões de eleitores começam a se manifestar com ares de “guardiães da moral” (alheia...) priorizando questões morais em detrimento de outras frentes. Esse tipo de conduta política reprisando o modelo da extrema direita americana provoca mais prejuízos que benefícios. Em situações episódicas mais de uma vez, houve acordo entre grupos católicos e pentecostais em votações de aspectos que interessam aos dois grupos, como por exemplo, contra avanços no atendimento dos direitos reprodutivos femininos, do casamento de pessoas do mesmo sexo etc. (BAPTISTA, 2009; BURITY, 2013).

### Uma Esperança?

Do lado ecumênico há um lamento perene, conquanto, a meu ver com anos de atraso o movimento ecumênico em geral reconhece que falhou em construir pontes. Em um texto preparado para ser distribuído na 6ª Assembleia do CMI, em Porto Alegre, em 2006, há um resumo desesperançoso:

As tentativas havidas sempre esbarram nos processos de fracionamentos que, hoje em dia, se mostram mais fortes do que nunca. A *Confederação Evangélica do Brasil* (CEB) não sobreviveu aos choques modernizadores da sociedade brasileira; a seção brasileira do *Conselho Latino-Americano de Igrejas* (CLAI-Brasil) apesar de seu denodado empenho, ainda não conseguiu convencer alguns denominações Protestantismo histórico e os ramos do Pentecostalismo clássico da autenticidade, seriedade e pertinência de sua proposta. A *Associação Evangélica Brasileira* (AEB) não conseguiu estabelecer-se de forma convincente, e o *Conselho Nacional de Igrejas Cristas do Brasil* (Conic), apesar de seu transcendental significado enquanto espaço legítimo de intercâmbio, representatividade

e testemunho cristão comum no interior da sociedade brasileira, ainda não teve sua importância institucional reconhecida por importantes segmentos da religiosidade cristã brasileira (OLIVEIRA, 2006, p. 11).

Apesar desse quadro, pode-se, sim, ter esperanças. E ela vem de um aspecto que, do ponto de vista ecumênico – cristão pode malefício, mas sociologicamente é benéfico. Há uma fragmentação absoluta no campo religioso pentecostal; ninguém tem domínio sobre o mesmo e, existem, portanto diferentes expressões pentecostais e também católicas, e existem, inclusive grupos católicos e pentecostais conversando entre si. Talvez ainda não uma grande e bem movimentada avenida, mas há alguns caminhos. Ou, como diria, Guimarães Rosa, *veredas*. E essas são sinuosas e, as vezes, encobertas pela mata.

### Muitas Indefinições

Uma das grandes características do fenômeno religioso é ser multifacetado e, alguns analistas de fora e muitos membros dos grupos internos parecem esquecer-se disso. Um chavão acadêmico e anacrônico é: os pentecostais são conservadores. Todos? Igualmente? A IURD, por exemplo, é abertamente favorável aos direitos reprodutivos das mulheres (conquanto seja contra os direitos dos gays). Em agosto de 2013, quando os conversadores em geral, tanto evangélicos como católicos, se manifestaram contra a nova regulamentação de assistência às mulheres vítimas de violência sexual, pedindo a Presidenta Dilma que vetasse, o *Jornal Folha Universal* (ano 21, no. 1.115, de 18 a 24 de agosto de 2013) estampou em página inteira uma reportagem sobre o tema: “*Nova Lei para velhos direitos ignorados*”. Com a seguinte sub-manchete que era a síntese da reportagem: “Apesar das pressões dos religiosos e alas conversadores, a presidenta sanciona lei que combate a violência sexual e garante assistência ampla às vítimas”. E mais um negrito em destaque: “Lei significa a derrota de entidade religiosas conservadoras contra o aborto”. A IURD, portanto, se identifica plenamente com algumas pautas fundamentais defendidas pelos movimentos ecumênicos e, arduamente, defendidas por políticos de esquerda. E isso poderia ser dito de diversos outros grupos religiosos – pentecostais ou neopentecostais – contra ou a favor de uma determinada questão, e não necessariamente indica que os mesmos sejam ecumênicos ou antiecumênicos.

### *O Catolicismo se pentecostalizando & pentecostalismo se catolicizando?*

*O neopentecostalismo católico e o neopentecostalismo protestante praticam entre si um amplo ecumenismo”* (GÉREST, 1977, p. 38).

Não existe aparente nenhuma esperança de aliança entre os pentecostalismos clássicos – CCB e ADs – e a Igreja Católica, mas nesse abismo estão sendo construídas pontes pelas novas igrejas e novos grupos católicos. Não custa lembrar que os jovens da Universidade Duquesne em Pittsburg iniciaram seus grupos de oração por causa da leitura de dois livros de pentecostais<sup>19</sup>. Se no início do século passado havia um abismo entre os dois grupos, teoricamente ainda hoje isso existe, mas algumas práticas são comuns nos dois grupos. As questões e os limites não tão bem delimitados como gostaria qualquer analista social – e também os religiosos conservadores. Ao longo do texto acentuamos antagonismos propositalmente, mas a realidade é menos preto e branco. Por exemplo, qual o limite individual entre católico ou um pentecostal?

Poderia ser igualmente um católico ou um pentecostal:

- Com um copo d'água ungida/benzida por um padre/pastor em um programa de rádio ou TV;
- Falando em línguas estranhas, no sono do espírito, unguindo um doente com óleo;
- Em um grupo de romaria fazendo turismo religioso na Terra Santa – Israel;
- Cantando, dançando e chorando em um *Show-missa* ou em um culto, *Marcha para Jesus* ou no *Abala São Paulo* e similares;
- Jovens dançando na *Cristoteca*, uma danceteria católica, ou um show gospel;
- Comprando um CD ou DVD de um padre-cantor ou de qualquer outro cantor/a gospel, que aliás, cantam as mesmas músicas ou trocam músicas em si, ou ainda se apresentam em programas de TV juntos;
- Lobista em Brasília articulando na *Frente Parlamentar Evangelica* ou na *Frente Catolica por Familia*, ou em uma ONG lutando contra o aborto, casamento gay e/ou direitos conceptivos;
- Um bispo celebrando numa Catedral.

*O papa católico se popularizando e o líder pentecostal se infalibilizando?*

Segundo o dogma católico, o Papa quando fala ex-cathedra ele é infalível, pois, representa a voz e ação do divino para sua igreja; sua palavra, sua direção, seu discernimento e orientação tem uma legitimidade divina, pois, ele é seu representante oficial na terra. Infalibilidade a parte, o atual Papa reverteu e alterou diversas práticas, palavras e ações típicas de seus antecessores. Suas primeiras palavras foram de um pedido de ajuda em oração, renunciou da sua morada imperial, do carro, das roupas clericais e pomposas e quando fala – no exercício de ministério pastoral – admite seus limites. Como um ser infalível, parece muito popular e comum. Se o Papa Francisco é verdadeiro ou apenas uma grande encenação como alguns críticos o acusa, não me interessa neste momento, mas que ele já estabeleceu um novo padrão de ser papa, isso ninguém nega.

Já alguns líderes pentecostais estão cada dia mais pomposos, imperiais e inacessíveis. Infalíveis em suas pregações, revelações e decretos<sup>20</sup>. Sabem tudo e decidem tudo inquestionavelmente por revelação lhe dada diretamente pelo divino. Pastor é um título comum que não lhes servem mais, daí surgiram os pastores-doutores, profetas, apóstolos ou patriarca ou pai-apóstolo (lamento se errei na sequência hierárquica, pois, que eu saiba ninguém ainda definiu essa pirâmide). A fala do Papa é infalível quando ele fala *em nome* de Deus; já o pastor fala o que Deus lhe ordena ou revela, neste caso, quando o pastor está falando, não é ele, mas o próprio Deus falando!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um século depois do surgimento dos movimentos houve uma visceral mudança em ambos os campos. Características exclusivas e excludentes que eram de um dos grupos foram assumidas pelo outro. De forma propositada carregamos nas tintas da polarização para um exercício didático – os tipos ideais são sempre um exagero metodológico. Nos encontros e desencontros durante o século XX, na clássica luta de contrários, eles se imiscuíram e se assemelharam. Extremados se negando mutuamente, se encontram nos extremos. Deus e o Diabo, na metáfora glauberiana, também mudaram de lado. Não há mais preto e branco, direita e esquerda, burgueses e proletários em campos opostos visivelmente bem delimitados. Pelo menos na *Terra do Sol*, Deus e o Diabo estão cada dia mais indefinidos.

Usar um texto bíblico e sempre muito complicado, por que ao usa-lo se assume uma interpretação. Na bibliolatria corrente tudo precisa ter um versículo bíblico para atestado. Chavão gasto e inútil: “a Bíblia diz”. A questão é que a Bíblia não diz nada, quem ler diz que a Bíblia diz. Ler e interpretar. Apesar dos riscos, vou usar o episódio registrado no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 16. Paulo e Silas estão pregando na cidade de Filipos, segundo o texto uma escrava adolescente que tinha um “espírito que predizia o futuro”, seguia a Paulo proclamando o seguinte: “Estes homens são servos do Deus altíssimo e lhes anunciam o caminho da salvação”. Essa afirmação se repetiu “por alguns dias”, até o momento em que Paulo, segundo a versão bíblica, “indignado” ordenou ao espírito que saísse dela. Como “ela ganhava muito dinheiro para seus senhores com adivinhações”, isso implica dizer que ela já acertara muito. Tinha credibilidade. O que havia de errado na sua fala? Sua frase sobre os apóstolos e lapidar e uma ótima transferência de capital simbólica; os filipenses acreditariam na mensagem paulina, pois ele tinha uma fiança legitimadora local. O espírito nessa menina era contra ou a favor da mensagem do evangelho? Se o texto não nos informasse no final do episódio que o espírito fora

expulso, entenderíamos sua fala como ação do Espírito Santo em benefício da pregação. Afinal de qual lado trabalha – se e que trabalha – satanás?

Se em alguns momentos até o apóstolo Paulo demora “alguns dias” para identificar uma ação de Satanás, as ações do Espírito Santo parecem são muito mais difíceis de serem discernidas. Por exemplo, há um registro em Atos de que o Espírito Santo impediu a Paulo de ir pregar na cidade de Macedônia. Mas impedir a proclamação do evangelho não deveria ser ação diabólica?

Ecumenismos e pentecostalismos se autolegitimam como ação do Espírito Santo. Verdade? Talvez sim, talvez não. Conquanto as razões apresentadas por ambos os grupos tenham origens e consequências bem menos espirituais que ambos reconhecem. Usam e abusam exageradamente da pretensão legitimadora do Espírito Santo. Esquecendo, alias, parece, propositalmente, de um texto bíblico que diz que o Espírito Santo “age como quer” (João 3.8). Autônomo e com capacidade pneumática indecifrável e volátil, pode fazer exatamente o contrário do previsível. Neste caso, o Espírito Santo pode, inclusive, agir também nos ecumenismos e também nos pentecostalismos. Ou não.

#### PENTECOSTALISMOS & ECUMENISMOS: GOD AND THE DEVIL IF (DES)UNDERSTANDING ON SUN’S EARTH

*Abstract: are the Brazilian Pentecostal movements anti ecumenists or are the ecumenists anti Pentecostals? This research intends to study, beyond the so called “theological motives” of the action of the Devil or the Holy Spirit, its goal is to study the historic, economic, political and cultural motives this question.*

*Keywords: Ecumenist. Pentecostalism. Catholic Church. World Council of Churches. Assemblies of God.*

#### Notas

- 1 A Pastoral da Criança, fundada em 1982, pela Dra. Zilda Arns (1934-2010), atende no Brasil, mensalmente, cerca de 2 milhões de crianças de 0 a 6 anos, em mais de 4 mil municípios, com 260 voluntários. Além da multimistura de casca de ovo, sementes e folha de mandioca, também ensina as mães o simples e milagroso soro caseiro de água, sal e açúcar. Deve com isso ter salvado a vida de milhões de crianças subnutridas, a ponto de seu trabalho ser reconhecido e aplicado em diversos países do mundo (FOLHA DE S.PAULO, A-12 – 15.01.10).
- 2 Tepequém, povoado do município de Amanajari, há 208 km de Boa Vista, em Roraima, com aproximadamente 200 habitantes, não tem Igreja Católica ou qualquer outra igreja evangélica, mas tem um templo assembleiano com 50 membros. Visitei o local e fotografei no dia 08/10/2011.
- 3 Em 1961, a Igreja Cristiana Pentecostal, de Cuba, e as chilenas, Igreja Pentecostal do Chile

e Igreja Missão Pentecostal do Chile, se filiaram ao CMI. E desde seu surgimento o CLAI tem igrejas pentecostais membros.

- 4 A Aliança Evangélica Mundial nasceu em Londres, em 1846, nos EUA em 1867, e no Brasil em 1903 (Reily, 1993:245). “A Sociedade Missionária de Londres (1799) foi a primeira manifestação “ecumênica” protestante, seguindo-se outras, como a Sociedade de Tratados Religiosos (1799), a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (1804)” (MENDONÇA, 1997, p. 90). Em 1844 se inicia a Associação Cristã de Moços e diferentes outras federações missionárias com a proposta pandenominacional, é nesse ambiente que se destaca John R. Mott (1865-1955), secretario geral da ACM, presidente da Conferencia de Edimburgo (1910) e posteriormente presidente do CMI (1954), sua articulação mundial e em prol de alianças e pacificação lhe deu o Nobel da Paz em 1946.
- 5 Em 1899 a Pentecostal Holiness Church, em 1986 a Church of God, em 1895 a Church of God in Christ, em 1895 a United Holy Church of America e, em 1901, a Pentecostals Union (BURGESS, 1988; CAMPOS, 2005, p. 114).
- 6 O avivamento no País de Gales acontece, por exemplo, entre 1904-1906 (GEREST, 1977);
- 7 Os camp-meeting nos EUA transcendiam as denominações e demais instituições religiosas (GEREST, 1977, p. 20).
- 8 Essa ideia foi usada por Gerson Moraes (2010) na sua análise do termo neopentecostalismo. É um conceito que abarca uma grande período histórico, uma serie de manifestações e conotações distintas, e até pode ser uma das explicações, mas ao mesmo tempo turva outras questões.
- 9 As disputas das chamadas igrejas livres contra as Igrejas Estatais.
- 10 A segregação entre negros e brancos, particularmente nos EUA, era acentuadamente um problema econômico onde os negros ainda, majoritariamente rurais e pobres, em disputa com os brancos urbanos e ascendendo socialmente. Hollenweger (1976, p. 27) chama atenção de que a presença de negros em 1936 entre os pentecostais nos EUA era de 14,5% contra 9,7% da população americana.
- 11 Poderíamos relacionar também todos os sacramentos, e também batismo adulto ou infantil, magistério feminino e/ou masculino. No final, um quadro sintético apresenta as tensões teológicas e institucionais entre os dois grupos.
- 12 Os temas das Campanhas da Fraternidade no Brasil são sempre propostas macro social, em 2014, por exemplo, é o trafico humano, e única campanha nacional assumida pelas ADs foi a Década da Colheita em 1990, dentre as propostas uma delas era “50 novos convertidos” (ALENCAR, 2013). Visivelmente uma é denominacionalmente proselista; a outra proposta social.
- 13 Diversos autores trabalham esse conceito (CHIQUETE, 2011). Sepúlveda (ORTEGA, 1996, p. 232), teólogo pentecostal, indica o seguinte: “o essencial do pentecostalismo é a primazia da experiência sobre a doutrina, da relação sobre a crença, da liberdade do Espirito, que não se deixa prender por categorias doutrinárias e racionais”.
- 14 O dogma da imaculada concepção em 1854, da infalibilidade papal em 1870 e a em 06/01/1928, Pio XI na Enciclica *Mortalium* afirma que a Igreja Católica é única igreja de Cristo e fora dela não há salvação.
- 15 Disponível em: <<http://www.enchristus.com.br/dinamic/jupgrade/>>. Esse evento vai acontecer, pela terceira vez no Brasil, agora em março de 2014.
- 16 Apesar da tentativa de ambos os grupos, suecos batistas e suecos luteranos não conseguiram se congregar em conjunto nas colônias no sul do país na década de 10 (VALERIO, 2013).

- 17 Citado por Hollenweger (1976, p. 191).
- 18 Disponível em: <<http://bibelkreis.ch/charism/berliner.htm>>. Acesso em: 20.09.2013.
- 19 Os livros *A Cruz e o Punhal* e *Eles falam em outras línguas*, de David Wilkerson e o de John L. Sherril, foram lançados nos EUA, em 1963 e 1964 respectivamente. Os grupos de oração dos universitários explodiram em 1967.
- 20 Anualmente, a Apostola Valnice Milhomens, fundadora e presidente da *Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo*, publica no site de sua igreja uma revelação divina chamado de “decreto”, segundo definição dada pela própria é “Decreto é uma palavra com força de lei, proferida por quem tem autoridade para fazê-lo, para ser estabelecida pela obediência. Tudo que sai da boca de Deus é um decreto, pois é emitido por uma autoridade, cuja palavra tem força de lei. Seus decretos são acompanhados do Seu "cumpra-se" (ddisponívem em: <<http://www.insejec.com.br/decretos.php>>. O Apostolo René Terra Nova, do *Ministério Internacional de Restauração - MIR*, também publica “Decreto Apostólico de Bênçãos” . Disponível em:<[http://www.reneterranova.com.br/index.php?pg=ver\\_posts&id=14](http://www.reneterranova.com.br/index.php?pg=ver_posts&id=14)>. Acesso em: 23 fev. 2014.

## Referências

- ABUMMANSSUR, Edin. *Os pentecostais e a modernidade. Passos*, n. 9, p. 115-134, 2005.
- ALENCAR, Gedeon. *Assembleias de Deus: origem, militância e construção (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- ALENCAR, Gedeon. Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleia de Deus. *Revista Simpósio*, v. 10, n. 4, ano XXXVII, n. 48, p. 11-35, nov. 2008.
- ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo Tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição protestante à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005.
- ALIANÇA Mundial das Assembleias de Deus. Disponível em: <<http://worldagfellowship.org/>>.
- ALIANÇA Mundial para Educação Teologica Pentecostal. Disponível em: <<http://wapte.org/>>.
- ALMEIDA, Ronaldo de. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1979.
- ANTONIAZZI, Alberto (Org.). *Nem anjos nem demônios – interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BEGER, Peter. *O dossel sagrado – elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BERGERON, Richard. *Fora da Igreja também há salvação*. São Paulo: Loyola, 2009.
- BLOH-HOELL, Nils. *The Pentecostal Movement*. Oslo: Oslo Universitetsforlaget, 1964.
- BOFF, Leonardo. *Igreja carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BONINO, José Miguel. Rostos Del Protestantismo Latino América. *Revista da UMESP*, n. 28, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

- BUNDY, David. The Ecumenical Quest of Pentecostalism. *Cyberjournal for Pentecostal-Charismatic Research*. Disponível em: <<http://www.pctii.org/cyberj/cyberj5/bundy.html>>.
- BURDICK, Jonh. *Looking for God in Brazil: The Progressive Catholic Church in Urban Brazil's Religious*. Califórnia: Berkeley University of California Press, 1993.
- BURGESS, Stantey M.; GRAY B. McGee (Ed.). *Dictionary of pentecostal and carismatic movements, grand rapids*. Michigan: Zondervan Publishing House, 1988.
- BURITY, Joanildo; CAMPOS MACHADO, Maria das Dores (Orgs). Os votos de Deus. In: BURITY, Joanildo; CAMPOS MACHADO, Maria das Dores (Orgs). *Evangélicos, política e eleições no Brasil*. Rio de Janeiro: Massangana, 2013.
- CAMPOS M, Bernardo. *De La Reforma Protestante a La Pentecostalidad de La Iglesia: debate sobre el pentecostalismo em América Latin*. Quito: Ediciones CLAI, 1997.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco estudada. *Revista USP*, n. 67, 2005.
- CARMELO, Alvarez (Ed.). *Pentecostalismo y liberacion - Una experiencia latino-americana*. San Jose (Costa Rica): DEI, 1992.
- COMISSÃO INTERNACIONAL DE DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL. *Tornar-se cristão: inspiração da Escritura e dos textos da Patrística com algumas reflexões contemporâneas*. Brasília: Edições CNBB, 2010.
- COMISSÃO Mista Internacional para o Diálogo Católico-Pentecostal. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/chrstuni/sub-index/index\\_pentecostals.htm](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/sub-index/index_pentecostals.htm)>.
- CONFERENCIA Mundial Pentecostal. Disponível em: <<http://www.pentecostalworldfellowship.org/>>.
- CONSELHO Mundial de Igrejas. Disponível em: <<http://www.oikoumene.org/en>>.
- DIALOGO Igrejas Reformadas – Pentecostais. Disponível em: <<http://www.pctii.org/press.html>>.
- ECUMENISMO Del Espíritu. Pentecostalismo, Unidad y Misión – Foro Pentecostal Latinoamericano.
- EQUIPE ENCRISTUS. Diálogo católico-pentecostal no Brasil. *TQ – Teologia em Questão*, v. 14, p. 95-102, 2008.
- FÓRUM Global Cristão. Disponível em: <<http://www.globalchristianforum.org/>>.
- FÓRUM Pentecostal Latino Americano. Disponível em: <<http://www.pentecostalworldfellowship.org>>.
- FUNDAÇÃO Pneuma. Disponível em: <<http://www.pneumafoundation.org>>.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HOLLENWEGER, W. *El pentecostalismo – historia y doctrinas*. Buenos Aires: La Aurora, 1976.
- HOLLENWEGER, W. *O movimento pentecostal no Brasil*. São Paulo: Simpósio; Aste, 1969.
- HOORNAERT, Eduardo. *História do cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulus, 1994.

- INSTITUTO Ecumênico, Disponível em: <<http://www.ecumenical-institute.org>>.
- KAPPAUN, Marciano (Org.). *Da Suécia ao Brasil: uma história missionária*. Campinas: Batista Independente, 2012.
- KOLAKOWSKI, Leszek. A revanche do sagrado na cultura profana. *Religião e Sociedade*, n. 1, p. 153-162, maio 1977.
- LONGUINI NETO, Luiz. *O novo rosto da missão: os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino americano*. Viçosa: Ultimato, 2002.
- MAÇANEIRO, Marcial. Católicos e Pentecostais em diálogo: um sinal dos tempos. *Revista Teológica da RCC no Brasil*, 2. ed. jul./ago. 2012. Disponível em: <<http://www.rccbrasil.org.br/venicreator/segunda-edicao.html>>.
- MARTIN, David. *Tangles of fire – the explosion of protestatism in Latin America*. Osford: Balckwell, 1990.
- MENDONÇA, Antonio Gouvea. *Protestantes pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus processos*. S. B. Campos: Edumesp, 1997.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.
- MENZIES, William W. *Anointed to serve*, Springfield. Missouri: Gospel Publishing House, 1971.
- NIEBUHR, Richar, H. *As origens sociais das denominações cristãs*. São Paulo: ASTE-Ciências da Religião, 1992.
- NORELL, Kajsa. *Halleluja Brasilien! Em resa till knarkgängens, favelans och den helige andens land*. Stockholm: Bladh by Bladh, 2011.
- OLIVEIRA, Rafael S. *Ecumenismo, direitos humanos e PAZ: a experiência do Fórum Ecumênico Brasil*. Rio de Janeiro: Koinonia, 2006.
- ORELLANA, Luis (Org.). *Ecumenismo del Espíritu: pentecostalismo, unidad y misión*. Lima-Peru: Foro Pentecostal Latinoamericano, Bassel Publishers, 2012.
- PAIVA, Angela Randolpho. *Católico, protestante, cidadão: uma comparação entre o Brasil e os EUA*. Belo Horizonte: UFMG; IUPERJ, 2003.
- PASSOS, João Décio (Org.). *Os movimentos do espírito: matrizes, afinidades e territórios pentecostais*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- PENTECOSTAL Carismático Theological Inquiry Internacional. Disponível em: <<http://www.pctii.org/>>.
- PIEDRA, Arturo. *Evangelización Protestante em América Latina*. Quito: CLAI-UBL, 2002.V. I,II.
- POMMERENING, Claiton Ivan. Pentecostalidade e Pentecostalismo: Fatores de Crescimento Associados à Oralidade. *Azusa – Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. II, n. 1, p. 07-38, jan. 2011.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diálogo católico-pentecostal*. São Paulo: Paulinas, 1999.

- PREMACK, Laura. *Hope and the holy spirit: the global pentecostal movement in Brazil and Nigeria*. Tese (Doutorado em Historia) – Universidade da Carolina do Norte, 2013.
- RELATORIO do Grupo Consultivo entre Pentecostais e o CMI – Documento n. 14 – 5-8 março de 2013.
- ROBECK, Cecil M. The current status of global pentecostalism: a brief overview. *Global Christian Forum*. Disponível em: <<http://www.globalchristianforum.org>>.
- SACHS, Viola (Ed.). *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- SANCHI, Pierre. O repto pentecostal à cultura católica. In: ANTONIAZZI, Alberto (Org.). *Nem anjos nem demônios – interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SILVA JR, Alfredo Moreira. *Aggiornamento ou fumaça de Satanaz: interpretações sobre o Concílio Vaticano II no catolicismo brasileiro*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – PUC SP, São Paulo, 2013.
- SOUZA, Jessé (Org.). *O protestante e o malandro – a tese weberiana e a singularidade brasileira*. Brasília: Ed. da UnB, 1999.
- STOLL, David. *Is Latina América turning protestant? The politics of evangelical growth*. Berkeley: University of California Press, 1990.
- TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- TROELTSCH, E. *El protestantismo y el mundo moderno*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- VALERIO, Samuel. *Pentecostalismo de migração: terceira entrada do pentecostalismo no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – PUC SP, São Paulo, 2013.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade*. 4.ed. Brasília: Ed. da UnB, 1998.
- WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2002.
- WEINE, Karlsson. *Suécia e América Latina: vínculos e cooperação*. [S.l.]: Instituto de Estudos da América Latina–LAIS/UNB; Embaixada da Suécia, 1994.
- WERNEK, Nelson Sodré. *Formação história do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- WILLEMS, Emilio. *Followers of the new faith, culture change and rise of protestantism in Brazil and Chile*, Nashville. Tennessee: Vanderbilt University Press, 1967.
- YONG, Amos. Pentecostalism and ecumenism: past, present and future. *The Pneuma Review*, v. 4, IV trimestre de 2001 – I a IV artigos. Disponível em: <<http://www.cjcu.edu.tw/theology/christian/EN/download.htm>>.